

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

PRESENÇA SENSÍVEL AO INVISÍVEL
Thais Leston

Porto Alegre
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

PRESENÇA SENSÍVEL AO INVISÍVEL

Thais Leston

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. BIANCA KNAAK

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. ADRIANE HERNANDEZ

Prof. Dr. CARLOS AUGUSTO NUNES CAMARGO

Porto Alegre
2021

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais Eva e Francisco, por terem me dado a vida!

Ao César pelo companheirismo e amor!

Aos meus amigos que compartilham discussões em relação à arte!

Aos filósofos que propagam suas reflexões, em especial aos referenciados neste trabalho!

A Universidade pública e de qualidade, e aos grandes mestres que tive ao longo desta graduação!

Aos professores da banca examinadora, carinhosamente Carusto e Adriane, obrigada pela sensibilidade, generosidade e as contribuições nesta pesquisa!

A minha querida orientadora Bianca Knaak, agradeço além da orientação, a escuta e paciência em relação ao tempo de percurso da construção poética!

Aos artistas que persistem e resistem todo dia!

Aos profissionais de saúde que arriscam suas vidas na pandemia COVID-19!

Gratidão também a todos os não mencionados, mas que de alguma forma estão presentes na poética!

LISTA DE IMAGENS DAS OBRAS

- Imagem 1** - Thais Leston, *Série Crachás, 2021*, fotografia de impressão instantânea, com intervenção de clip metálico e escrita, 5,5 cm x 8,5 cm cada.....pg.7
- Imagem 2** - Thais Leston, *Série Impacto, 2021*, fotografia colada, datilografia sobre papel, 10 cm x 16 cm..... pg.8
- Imagens 3 e 4** - Thais Leston, *Série Impacto, 2021*, fotografia colada, datilografia sobre papel, 10 cm x 16 cm.....pg.9
- Imagem 5** - Thais Leston, *Série Impacto, 2021*, fotografia colada, datilografia sobre papel, 10 cm x 16 cm.....pg.10
- Imagem 6 e 7**- Thais Leston, *Série Pneumectomia, 2021*, aguada de nanquim sobre papel, 11 cm x 16 cm.....pg.11
- Imagem 8**- Thais Leston, *Série Pneumectomia, 2021*, fotografia sobre papel, dimensões 11 cm x 17 cm.....pg.12
- Imagem 9**- Thais Leston, *Série Pneumectomia, 2021*, fotografia bordada com agulha e fio de sutura em máscara de tecido.....pg.12
- Imagem 10**- Thais Leston, *Série Very Precious, 2021*, caixa de papel, almofada de veludo, alfinete, anel e cacos de vidro.....pg.13
- Imagem 11**- Thais Leston, *Série Very Precious, 2021*, caixa de papel, almofada de veludo, alfinete, pingente e cacos de vidro.....pg.13
- Imagem 12**- Thais Leston, *Série Very Precious, 2021*, caixa de papel, almofada de veludo, pingente, corrente e cacos de vidro.....pg.14
- Imagem 13 a 15**- Thais Leston, *Série Resguarda-me, 2021*, frasco ampola, fotografia, fita isolante.....pg.14
- Imagem 16**- Thais Leston, *Vidro Fosco, 2021*, radiografia, tinta a óleo sobre papel, cacos de vidro, bordado com agulha e fio de sutura, 11 cm x 13 cmpg.15
- Imagem 17**- Thais Leston, *Série Vulcões, 2021*, tinta acrílica e sangue sobre tecido cru, 55 cm x 77 cm.....pg.16
- Imagem 18**- Thais Leston, *Série Vulcões, 2021*, tinta acrílica e sangue sobre tecido cru, 52 cm x 80 cm.....pg.17
- Imagem 19**- Thais Leston, *Série Vulcões, 2021*, tinta acrílica e sangue sobre tela, 98 cm x 1,62 cm.....pg.18
- Imagem 20**- Thais Leston, *Me Reconheço, 2021*, fotografia da face ao espelho, em estojo com pintura a óleo e cacos de vidro.....pg.20

RESUMO

PRESENÇA SENSÍVEL AO INVISÍVEL é resultado da minha prática poética visual de artista a partir do labor enquanto enfermeira. Ao longo do texto ocorre a análise das obras desenvolvidas que compõem o Trabalho de Conclusão de Curso, associando referências teórico filosóficas ao processo prático realizado a partir de imagens de tomografias de tórax de pulmões de profissionais da saúde acometidos pelo coronavírus. Procuro explorar o elemento conceitual (não visível) e o elemento visual (visível) para expandir os sentidos da imagem artística.

Palavras-chave: Poética Visual. Testemunha. Fragmentos. COVID- 19.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. O OLHAR POÉTICO.....	7
2. FRAGMENTANDO A IMAGEM	11
3. CACOS.....	13
4. METAMORFOSE.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS	22

INTRODUÇÃO

PRESENÇA SENSÍVEL AO INVISÍVEL é o resultado poético da experiência subjetiva que tem origem no meu labor e presença como profissional da área da saúde, que entrelaça o meu olhar enquanto cidadã, artista e enfermeira para o mundo que me rodeia. Ao vislumbrar esse processo em meus trabalhos, me encontro em Maurice Merleau-Ponty quando diz que:

Ao mesmo tempo é verdade que o mundo é *o que vemos* e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo. No sentido de que, em primeiro lugar, é mister nos igualarmos, pelo saber, a essa visão, tomar posse dela, dizer o que é *nós* e o que é *ver*, fazer, pois, como se nada soubéssemos, como se a esse respeito tivéssemos que aprender tudo. (MERLEAU-PONTY, 2014:18)

Ser e estar presente como testemunha do que mais intenso vivi como ser humano nos últimos tempos, me fez ver o que a olho nu precisou de complemento da percepção para entender que não é banal o que vejo, o que sinto enquanto vejo. E se essa experiência foi intensa, foi porque muitas emoções se manifestaram ao olhar o outro tão próximo de mim, tão semelhante e ao mesmo tempo em uma situação diferente. “Uns e outros, próximos ou afastados, estão, em todo caso, justapostos no mundo, e a percepção, que talvez não esteja ‘em minha cabeça’, não está em parte alguma a não ser em meu corpo como coisa do mundo” (MERLEAU-PONTY, 2014: 23).

Entretanto, o ponto de partida para construção da poética foi o grande e real laboratório que é a experiência de estar aqui e agora vivendo; e o que segue nas próximas páginas, é resultado da apropriação de imagens e também a coleta de materiais descartados por profissionais da saúde no ambiente hospitalar, que foram ressignificados para que não fossem esquecidos ou banalizados; e essa mistura de fragmentos obtidos de um tempo e espaço doloroso, também extrai a beleza da fluidez da vida e da arte.

1. O OLHAR POÉTICO

Do suspiro ao término de noites que pareciam intermináveis, estava a demora para adormecer e descansar corpo e alma, enquanto o som de oxigênios ligados e *flashbacks* das imagens das tomografias de tórax insistiam em permanecer na memória. Imagens que se repetiam incessantemente, já então deslocadas de seu lugar e função original, e agora quase que pedindo sua extração para que pudessem ser trabalhadas em um outro contexto. Para Georges Didi-Huberman deveríamos “Fechar os olhos para ver quando o ato de *ver* nos remete, nos abre a um *vazio* que nos olha, nos concerne e, em certo sentido, nos constitui” (DIDI-HUBERMAN, 2010: 31). Foi ao fechar os olhos que encontrei o que me constitui, que descobri minha poética, a partir do olhar para o real.

Segundo Didi-Huberman toda “Imagem surge onde o pensamento - a reflexão, como dizemos tão acertadamente - parece impossível, ou pelo menos suspenso: estupefato, aturdido. Precisamente no momento em que uma memória é, contudo necessária” (DIDI-HUBERMAN, 2020: 52). Nesta perspectiva, imagens que eram aparentemente apenas científicas, para diagnóstico e definição de tratamento passaram a ser recolhidas para integrar uma produção de arte e memória.

Imagem 1 - Thais Leston, *Série Crachás*, 2021

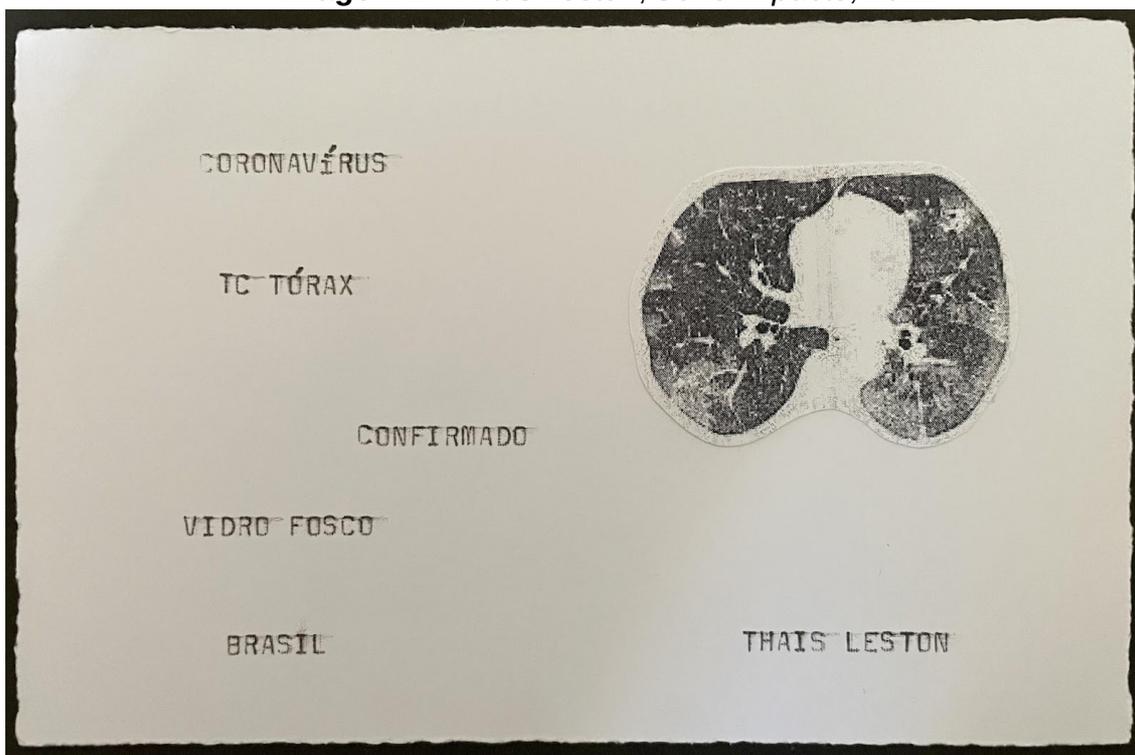


Fonte: arquivo pessoal. Fotografia de impressão instantânea, com intervenção de clip metálico e escrita, dimensões 5,5 cm x 8,5 cm.

Sendo assim, surgiu a primeira parte do trabalho, a *Série Crachás, 2021* (imagem nº 1), com fotografias de impressão instantânea de tomografias de pulmões com o vírus COVID-19, de trabalhadores da saúde. E a *Série Impacto, 2021* (imagens nº 2 a nº 5), em formato cartão de vacina, construída com fotografias de exames de imagens do tórax de profissionais da saúde acometidos pelo coronavírus e palavras datilografadas que surgiram ao som da força superposta nas teclas da máquina de escrever para registrar as letras que formam a linguagem escrita. Georges Didi-Huberman, define a relação entre imagem e linguagem como:

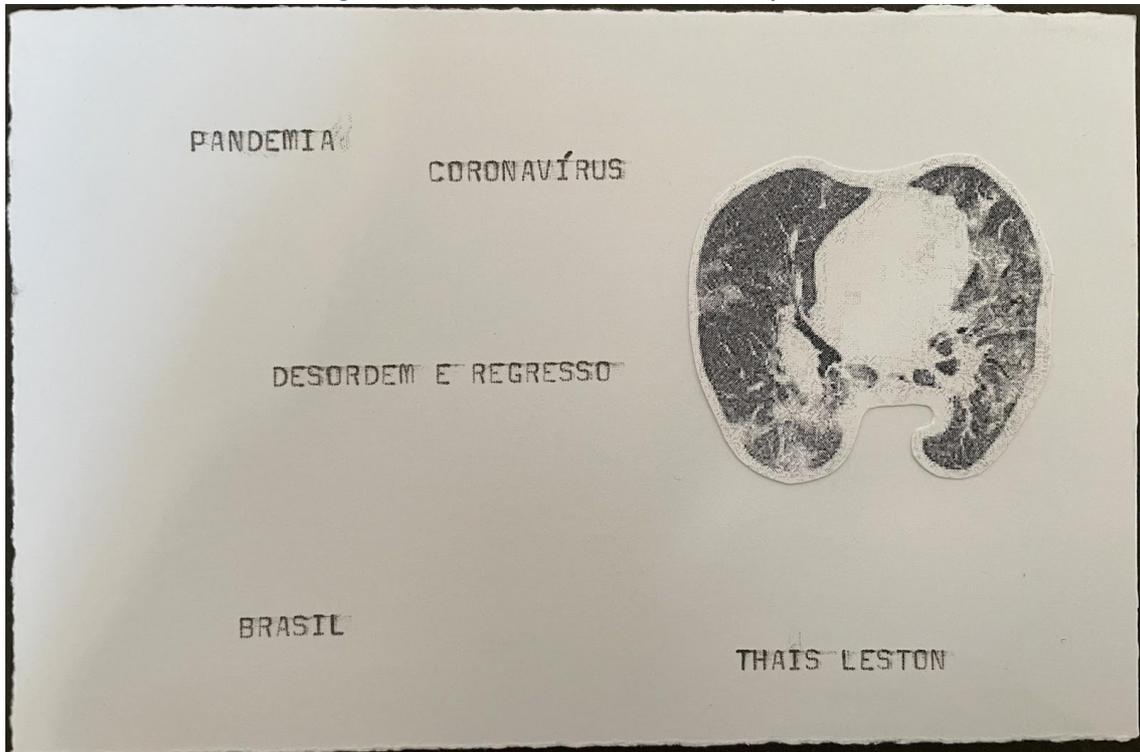
Em cada produção testemunhal, em cada ato de memória, ambas - linguagem e imagem - são absolutamente solidárias, não cessando de compensar as suas respectivas lacunas: uma imagem surge amiúde no momento em que a palavra parece falhar, uma palavra surge frequentemente quando é a imaginação que parece falhar. (DIDI-HUBERMAN, 2020: 45)

Imagem 2 - Thais Leston, *Série Impacto, 2021*



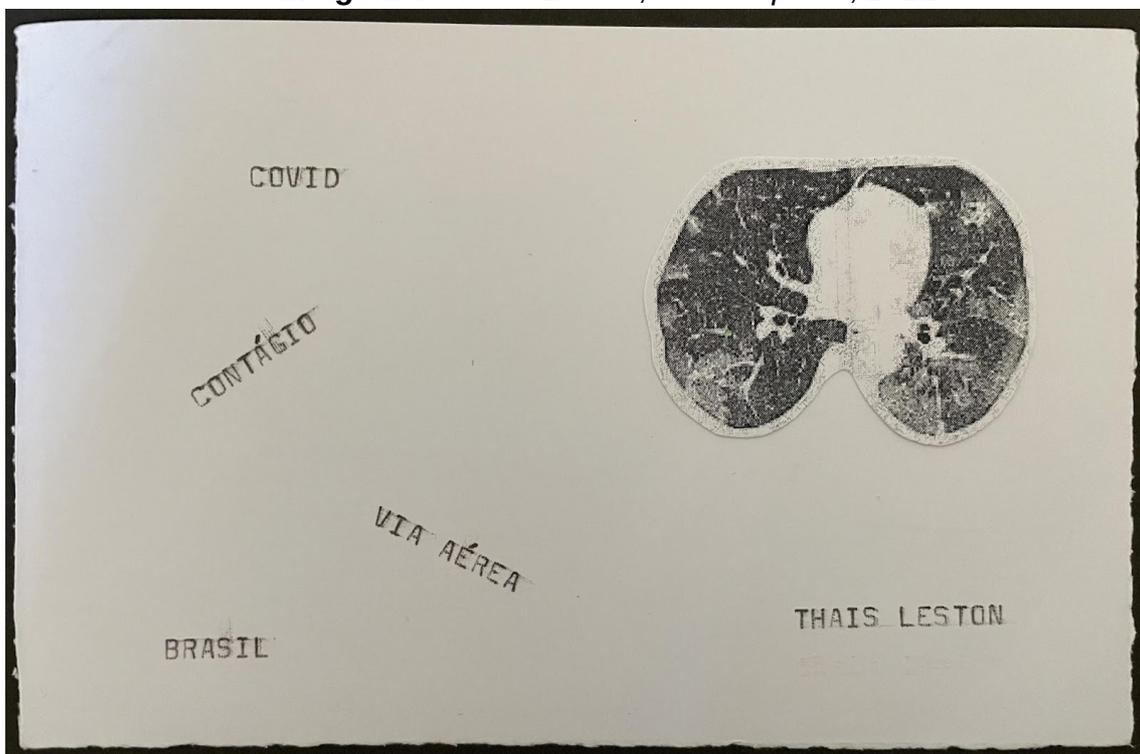
Fonte: arquivo pessoal. Fotografia colada, datilografia sobre papel, dimensões 10 cm x 16 cm.

Imagem 3 - Thais Leston, *Série Impacto*, 2021



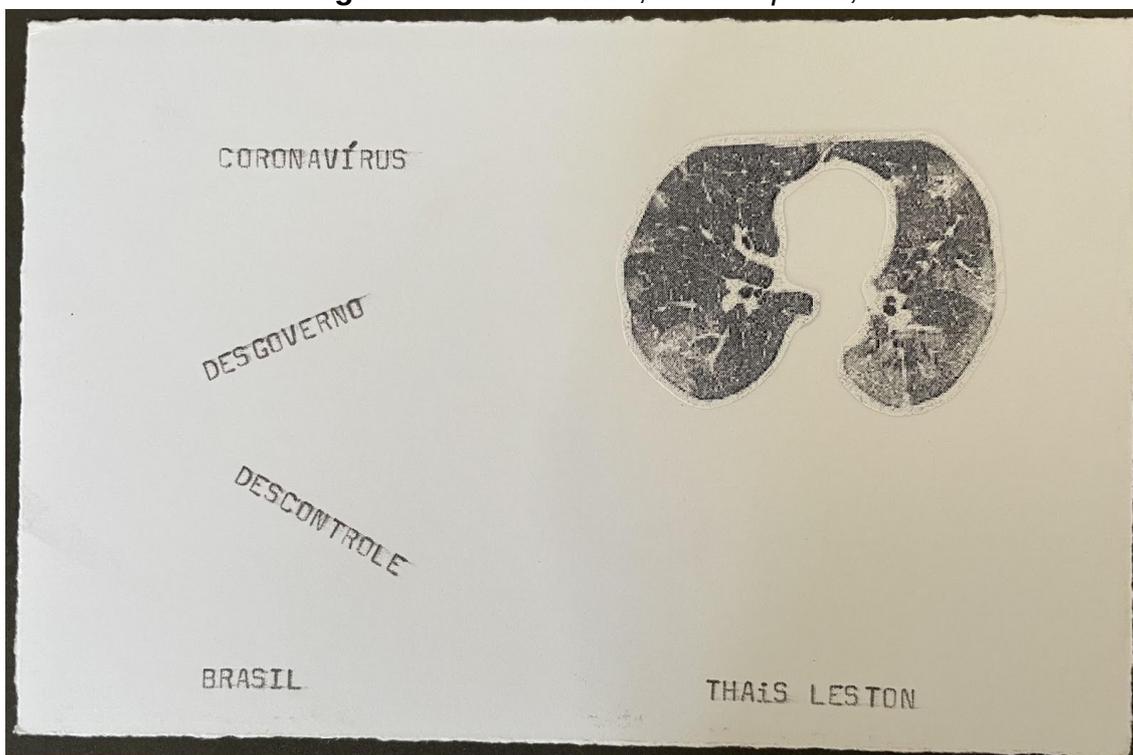
Fonte: arquivo pessoal. Fotografia colada, datilografia sobre papel, dimensões 10 cm x 16 cm.

Imagem 4 - Thais Leston, *Série Impacto*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Fotografia colada, datilografia sobre papel, dimensões 10 cm x 16 cm.

Imagem 5 - Thais Leston, *Série Impacto*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Fotografia colada, datilografia sobre papel, dimensões 10 cm x 16 cm.

Inicialmente não conseguiria a imagem sozinha sem a linguagem manifestar o que esteve por trás do sentimento e presença naquele momento em que a imagem tomográfica foi vista pela primeira vez e tudo o que ela significava enquanto indignação em alguns instantes pelo que estava acontecendo, ou em outros a esperança de permanência viva. O recorte que trago do tempo, do acontecimento, da presença enquanto testemunha e vivente conseguiu tornar a experiência de ter estado ali como algo que ficará registrado não apenas na minha memória, mas que será compartilhado com outros semelhantes de uma forma visual, tátil, e que a partir do palpável poderá suscitar reflexões acerca da presença humana, do ser, do artista, que está em todo e qualquer lugar onde existir vida, pensando e produzindo arte. Em relação a *vivência de outrem* Maurice Merleau-Ponty considera que:

Minuto por minuto, a vida é vivida: em algum lugar atrás desses olhos, atrás desses gestos, ou melhor, diante deles, ou ainda em torno deles, vindo não sei de que fundo falso do espaço, outro mundo privado transparece através do tecido do meu, e por um momento é nele que vivo, sou apenas aquele que responde à interpelação que me é feita. (MERLEAU-PONTY, 2014: 24)

Portanto, meu mundo particular, “Meu mundo privado deixou de ser apenas meu; é, agora, instrumento manejado pelo outro” (MERLEAU-PONTY, 2014: 24). Transformou-se em arte!

2. FRAGMENTANDO A IMAGEM

As manchas, as tão assustadoras marcas de “vidro fosco” dos pulmões acometidos pelo coronavírus, indícios da presença invisível do vírus, e ao mesmo tempo a fascinante beleza oculta nas ramificações das artérias e arteríolas pulmonares que seguem vivas e fluídas, embora não estejam visíveis.

Desta forma, em relação a ver o que foge ao alcance dos olhos e ao acesso ao mundo, Maurice Merleau-Ponty, indaga: “Como podemos ter a ilusão de ver o que não vemos” (MERLEAU-PONTY, 2014: 19), e afirma: “É acima da própria percepção que precisamos procurar a garantia e o sentido de sua função ontológica” (Ibid., 2014: 20).

Para o artista não é invisível o que o olho não vê, porque o ver envolve também a experiência perceptiva, e embora em meio a todo o caos e emergência sanitária meus olhos não deixaram de perceber com sensibilidade a fluidez das imagens, porque estava ali meu corpo como profissional da saúde e artista. Para Merleau-Ponty, a percepção pode ser assim entendida:

A percepção nos faz assistir a este milagre de uma totalidade que ultrapassa o que se acredita serem suas condições ou suas partes, e as domina de longe, como se existissem apenas em seu limiar, estando destinadas a nela se perderem. (...) Assim, a relação entre as coisas e meu corpo é decididamente singular. (MERLEAU-PONTY, 2014: 21-22)

Na *Série Pneumectomia, 2021 (imagens nº 6 a nº 9)*, a imagem fotográfica foi fragmentada e o pulmão direito foi separado do esquerdo.

Imagem 6



Imagem 7

Thais Leston, *Série Pneumectomia, 2021*



Fonte: arquivo pessoal. Aguada de nanquim sobre papel, dimensões 11 cm x 16 cm cada.

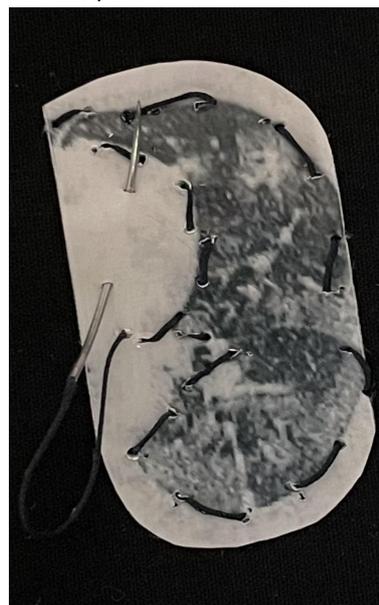
Nas imagens nº 6 e nº 7, o desenho seguido da pintura com água e nanquim, com a tinta fluindo e se espalhando como que em uma dança de suavidade e encontro ao imaginar a rede sanguínea irrigando, serviu para reforçar e assimilar que ainda havia a presença de vida e beleza no que restava dos pulmões invadidos pelo coronavírus.

Imagem 8 - Thais Leston, *Série Pneumectomia*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Fotografia sobre papel, dimensões 11 cm x 17 cm.

Imagem 9 - Thais Leston, *Série Pneumectomia*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Fotografia bordada com agulha e fio de sutura em máscara de tecido.

3. CACOS

Líquidos preciosos - medicamentos que servem para curar ou desacelerar o processo de adoecimento - são carregados por frascos de vidro que, após utilizados são descartados e o que resta são resíduos. Coletar, triturar e preservar estes frascos, para ressignificar foi o que transcorreu nas séries *Very Precious, 2021*, *Resguarda-me, 2021*; e na obra *Vidro Fosco, 2021*. Na série *Very Precious, 2021* (imagens nº 10 a nº 12), os cacos dos frascos foram transformados em joias.

Imagem 10 - Thais Leston, *Série Very Precious, 2021*



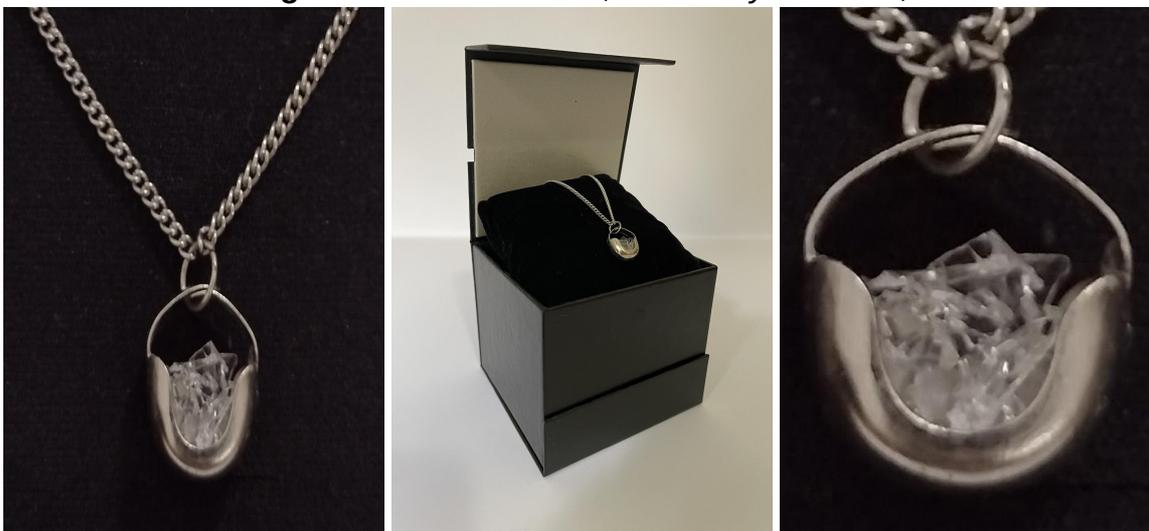
Fonte: arquivo pessoal. Caixa de papel, almofada de veludo, alfinete, anel e cacos de vidro.

Imagem 11 - Thais Leston, *Série Very Precious, 2021*



Fonte: arquivo pessoal. Caixa de papel, almofada de veludo, alfinete, pingente e cacos de vidro.

Imagem 12 - Thais Leston, *Série Very Precious*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Caixa de papel, almofada de veludo, pingente, corrente e cacos de vidro.

Nesta *Série*, pode-se dizer que foi produzido um objeto de material precioso que perpetua um momento inesquecível e significativo na luta pela permanência da espécie humana.

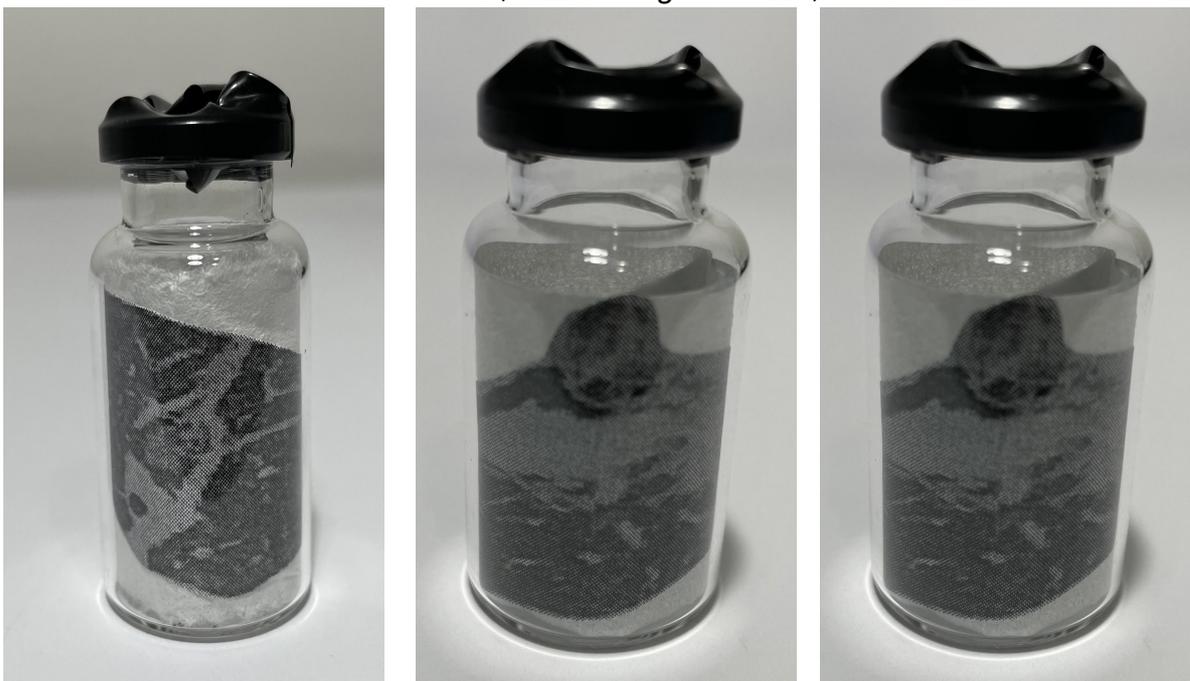
Na *Série Resguarda-me*, 2021 (*imagens nº 13 a nº 15*), os frascos foram mantidos intactos para abrigar as imagens dos pulmões.

Imagem 13

Imagem 14

Imagem 15

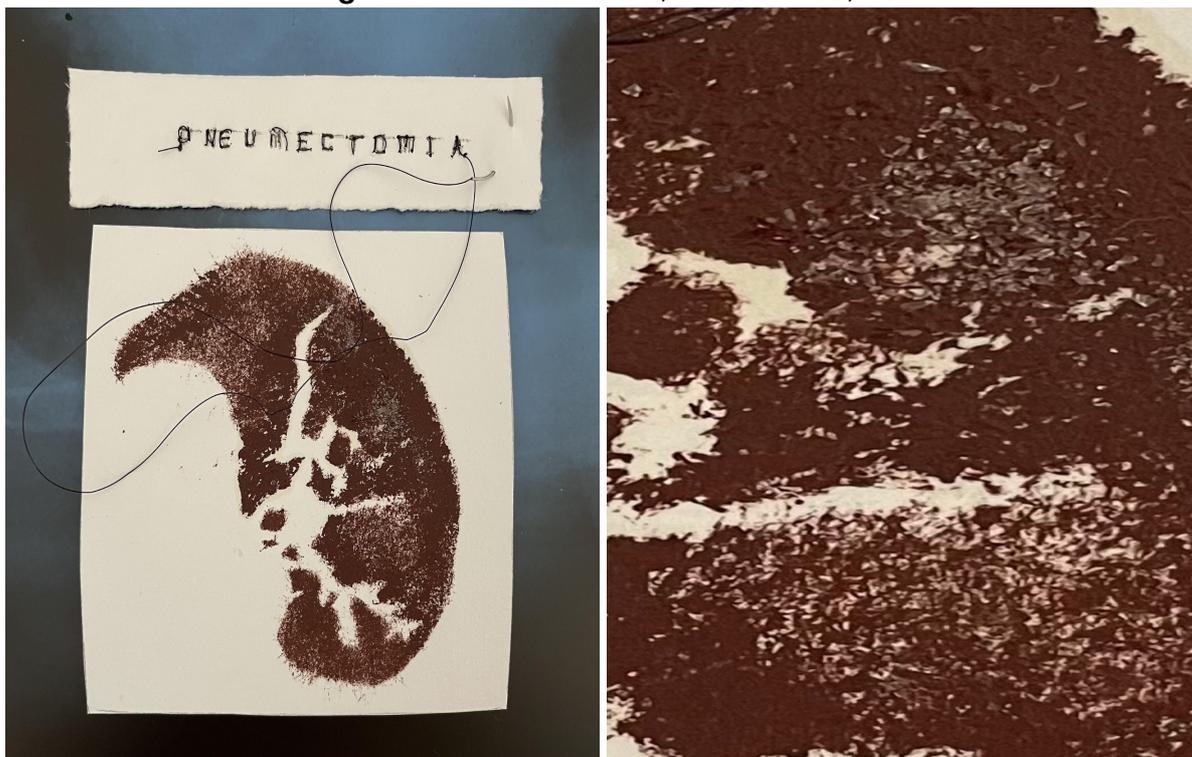
Thais Leston, *Série Resguarda-me*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Frasco ampola, fotografia, fita isolante.

Na obra *Vidro Fosco*, 2021 (imagem nº 16), pequenos fragmentos do frasco de vidro quebrado, incrustaram a tinta a óleo ainda úmida, integrando a pintura.

Imagem 16 - Thais Leston, *Vidro Fosco*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Radiografia, tinta a óleo sobre papel com cacos de vidro, bordado com agulha e fio de sutura sobre papel, dimensões 11 cm x 13 cm.

Contudo, foi a partir da apropriação do que restou, do vai e vem de preservar e destruir para reconstruir ao triturar os frascos de vidro agora vazios das medicações, que as séries *Very Precious*, 2021, *Resguarda-me*, 2021, e a obra *Vidro Fosco*, 2021, formam um processo que transmuta e preserva o vestígio.

4. METAMORFOSE

Em relação a imaginação frente a imagem, Georges Didi-Huberman, afirma que:

Uma imagem sem imaginação é pura e simplesmente uma imagem que ainda não nos dedicamos a trabalhar. Pois a imaginação é trabalho, esse *tempo de trabalho das imagens* agindo incessantemente umas sobre as outras por colisões ou fusões, por rupturas ou metamorfoses. (DIDI-HUBERMAN, 2020: 171)

Por conseguinte, ao trabalhar as imagens das tomografias - fragmentar, recortar, separar, e colocá-las lado a lado -, apresentou-se uma nova imagem que foi trabalhada na *Série Vulcões, 2021 (imagens nº 17 a nº 19)*, . Nesta, várias imagens de tomografias antes fragmentadas, espalhadas, foram agora conectadas. Para, Didi-Huberman:

Cada coisa a ver, por mais exposta, por mais neutra de aparência que seja, torna-se *inelutável* quando uma perda a suporta - ainda que pelo viés de uma simples associação de ideias, mas constrangedora, ou de um jogo de linguagem -, e desse ponto nos olha, nos concerne, nos persegue. (DIDI-HUBERMAN, 2010: 33)

Ao ver as tomografias, não eram apenas os pulmões de forma isolada que estavam ali, mas a presença de vida e também de morte, que se entrecruzavam.

Imagem 17 - Thais Leston, *Série Vulcões, 2021*



Fonte: arquivo pessoal. Tinta acrílica e sangue sobre tecido cru, dimensões 55 cm x 77 cm.

Imagem 18 - Thais Leston, *Série Vulcões*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Tinta acrílica e sangue sobre tecido cru, dimensões 52 cm x 80 cm.

Acerca da pintura, Didi-Huberman reflete:

A pintura, que não tem bastidores, que mostra tudo, tudo ao mesmo tempo, numa mesma superfície. (...) Nunca cessará de estar aí, diante de nós, como uma distância, uma potência, jamais como o ato completo. (DIDI-HUBERMAN, 2013: 297)

Imagem 19 - Thais Leston, *Série Vulcões*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Tinta acrílica e sangue sobre tela, dimensões 98 cm x 1,62 cm.

Detalhes da Imagem 19



Enquanto testemunha, meu sangue - parte visível de mim - fez presença na pintura, e a tinta agora ainda mais fluida, escorre, salta e faz seu próprio caminho de fluxo. Com isto, “A imagem é feita de *tudo*: tem uma natureza de amálgama, de impureza, de coisas visíveis misturadas com coisas confusas, de coisas enganadoras misturadas com coisas reveladoras, de formas visuais misturadas com pensamento em ato” (DIDI-HUBERMAN, 2020: 97). Ao longo do trabalho, fui perseguida e persegui a imagem, e assim o pensamento prestes a entrar em erupção foi transformado em ato!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

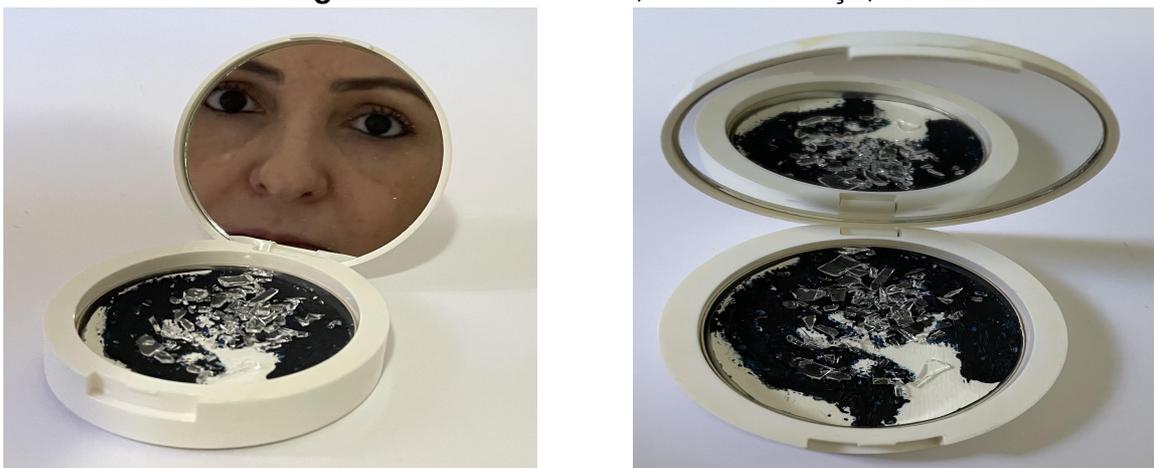
PRESENÇA SENSÍVEL AO INVISÍVEL, é um trabalho do sintoma como diria Georges Didi-Huberman, porque:

Tal seria portanto a modalidade do visível quando sua instância se faz inelutável: um trabalho do sintoma no qual o que vemos é suportado por (e remetido a) uma *obra de perda*. Um trabalho do sintoma que atinge o visível em geral e nosso próprio corpo vidente em particular. Inelutável como uma doença. Inelutável como um fechamento definitivo de nossas pálpebras. (DIDI-HUBERMAN, 2010: 34)

Desde o início da trajetória enquanto artista, a vivência na área da saúde marcou presença na poética visual. Mas, de forma retraída porque havia a tentativa de estabelecer uma cisão entre arte e enfermagem, e ao me posicionar desta maneira travava todo o processo poético. E com a crise sanitária vivida em função da COVID-19, veio à tona o que já era latente na poética - o sintoma -, e que agora tornou-se inelutável como o vírus, e corroborou para firmar a impossibilidade de dividir a presença de um mesmo corpo que o tempo inteiro testemunha de forma sensível todo o seu entorno.

Desta maneira, ao testemunhar pulmões acometidos pelo coronavírus, e sentir toda devastação do vírus que se alastra rapidamente e invade órgãos vitais das pessoas. Surgiu, a inquietação frente a vulnerabilidade humana, que aflorou uma imensidão de sentimentos que vieram à tona como uma explosão. “Esse outro que me invade é todo feito de minha substância: *suas* cores, *sua* dor, *seu* mundo, precisamente enquanto *seus*, como os conceberia eu senão a partir das cores que vejo, das dores que tive, do mundo em que vivo?” (MERLEAU-PONTY, 2014: 24)

Imagem 20 - Thais Leston, *Me Reconheço*, 2021



Fonte: arquivo pessoal. Fotografia da face ao espelho, em estojo com pintura a óleo e cacos de vidro.

Foram os *flashbacks* das imagens das tomografias de tórax que insistiam em permanecer na memória de forma incessante, diante de mim, como fragmento e ao mesmo tempo como um todo de significado, assim inevitável e inelutável a percepção, que deu origem a toda construção deste trabalho.

No entanto, ao procurar explorar o elemento conceitual (não visível) e o elemento visual (visível), na minha poética permaneceu a experiência do aqui e agora, neste mundo real, perceptível e presente com meu corpo que entrelaça o simultâneo olhar da enfermeira e da artista. Ou, como bem descreve Merleau- Ponty:

No horizonte de todas essas visões ou quase-visões está o próprio mundo que habito, o mundo natural e o mundo histórico, com todos os vestígios humanos de que é feito - é certo também que esta certeza é combatida, desde que atento para ela, porquanto se trata de uma visão *minha*. (MERLEAU-PONTY, 2014:19)

Enfim, precisei viver o caos da pandemia de COVID- 19, para que a poética enquanto artista surgisse pela primeira vez em harmonia com o ser enfermeira emergencista, sem tentativa de cisão; ao reconhecer que a presença sensível está em todo e qualquer lugar onde existir vida humana; e corresponder a potência da arte que no meio de toda catástrofe me fez ver, produzir e pensar mesmo quando tudo parecia utópico, imprevisível e invisível!

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da Imagem**. Tradução: Paulo Neves. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Tradução: Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução: Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução: José Artur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.